

O DESENHO E AS HQS: ESTUDO DESCRITIVO DA CORPORALIDADE DA PERSONAGEM MULHER MARAVILHA

Maurício de Oliveira Santos

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes
e-mail1 oliveiramauricio1993@gmail.com

Suani de Almeida Vasconcelos

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes
e-mail2 suanivasconcelos@bol.com.br

Resumo

Este artigo tem como enfoque a análise da figura da personagem Mulher Maravilha, na perspectiva do *ethos* nas HQs da Liga da Justiça da editora DC Comics. Para tanto, é feita uma abordagem histórica desde a retórica dos sofistas, a arte retórica de Aristóteles, até os pressupostos teóricos de Maingueneau (2001) e Amossy (2016) para compreender a proposta da análise. Objetiva verificar de que forma a análise do *ethos* em torno da personagem Mulher Maravilha persuade os leitores por meio de sua imagem; analisar os quadrinhos a partir das estruturas gráficas que compõe a corporalidade da heroína. Este projeto trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico do tipo aplicado e descritivo com uso de documentação direta. Quanto ao corpus, foram selecionados três materiais bibliográficos, do gênero quadrinhos, com os respectivos anos de 2010, 2012 e 2016 para fazer a análise do *ethos* discursivo feminino na personagem em questão. O desenvolvimento do presente artigo possibilitou uma análise do material à luz dos pressupostos teóricos e por meio da coleta de dados descrever os elementos persuasivos em torno do *ethos* na corporalidade da Mulher Maravilha nas HQs, permitindo, então, que os objetivos propostos fossem alcançados.

Palavras-chaves: *ethos*, Mulher Maravilha, Histórias em quadrinhos.

Abstract

The theme of this article is to analyze the figure of the character Wonder Woman, from the perspective of the *ethos*, in the comic books of the Justice League of the publisher DC Comics. For this, a historical approach is made from the rhetoric of the sophists, the rhetorical art of Aristotle, to the theoretical presuppositions of Maingueneau (2001) and Amossy (2016) to understand the proposal of the analysis. It aims to verify how the analysis of the *ethos* around the character Wonder Woman persuades the readers by means of its image; analyze the comics from the graphic structures that make up the corporality of heroin. This project is a qualitative bibliographic research of the type applied and descriptive with the use of direct documentation. As for the corpus, three bibliographical materials, of the genre comics, with the respective years 2010, 2012 and 2016 were selected to

analyze the feminine discursive ethos in the character in question. The development of the present article made possible an analysis of the material in the light of the theoretical presuppositions and through the data collection to describe the persuasive elements around the ethos in the corporality of Wonder Woman in the HQs, allowing, then, that the proposed objectives were reached

Keywords: *ethos*, wonder woman, comics.

1 UM PERCURSO DA RETÓRICA ATÉ O *ETHOS*

A retórica, considerada como a ciência da arte do bem falar, surge na Antiguidade Clássica, no século V em 427 a.C, na região da Sicília, por meio do teórico Gorgias. Os primeiros representantes a ensinar essa tal prática, na oralidade, foram os sofistas (PLEBE e EMANUELE, 1992). Durante muito tempo a retórica foi ensinada nas universidades como disciplina essencial para desenvolver um bom argumento mediante ao público. Essa disciplina humanística passa a integrar uma das artes centrais, da educação ocidental, com a perspectiva de treinar os oradores por meio de elementos persuasivos durante a argumentação. Contudo, a cultura greco-romana não vai se estabelecer por muito tempo, nas instituições educacionais, devido aos conflitos territoriais, políticos e culturais que vão surgindo em torno do século XVI. Dessa forma, “o declínio maior dá-se nos primórdios do século XVI com o avanço da tendência cartesiana e a ascensão do pensamento burguês” (VASCONCELOS, 2004, p.46). Com esse avanço cartesiano, o argumento adquire outros status para o convencimento em torno do discurso.

A retórica teve sua grande significância nos estudos da oralidade do sujeito, na Antiguidade Clássica, a partir dos filósofos e pedagogos sofistas, mas, não apenas esses representantes da arte do bem falar se interessavam em categorizar esse termo, outros pensadores, da Antiguidade Clássica, classificam esse termo com finalidades diferentes. Como afirma Meyer:

(a) a retórica é uma manifestação do auditório (Platão); (b) a retórica é a arte de bem falar (*ars bene dicendi*, de Quintiliano); (c) a retórica é a exposição de argumentos ou de discurso que devem ou visam persuadir (Aristóteles) (MEYER, 2007, p.21).

Sendo assim, será a partir dos conceitos do filósofo Aristóteles que se constituirá, nos estudos linguísticos, o conceito de persuasão em torno da linguagem, especificamente, para a Análise do Discurso de linhagem francesa.

O pensamento Aristotélico teve sua significância, na cultura ocidental, em diversos aspectos, dentre os quais estão os sociais, políticos, científicos, retóricos e morais. A oralidade, considerada como uma das formas de linguagem reproduzida por meio da fala a partir dos sentidos que o sujeito enunciava, era algo que chamava atenção do filósofo grego. Logo, Aristóteles começou a perceber que os sujeitos davam uma imagem de si ao discursar, mas, também, percebeu que não, necessariamente, aquele sujeito pudesse dar uma imagem de si no discurso, uma vez que esse mesmo sujeito poderia atribuir uma imagem durante o seu discurso. Nessa perspectiva, o *ethos* não corresponderia, fundamentalmente, à identidade do locutor, mas seria uma criação da imagem do sujeito no discurso para persuadir o seu alocutário. Como explica Aristóteles:

Persuade-se pelo caráter [= *ethos*] quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé; pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande e pronta confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar à dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do orador (MOTTA, A; SALGADO, L, 2008, p.13 apud 1356a: 5-6).

Será com base em Aristóteles, que a concepção de *ethos* se constituirá nos estudos linguísticos, no campo discursivo. O *ethos*, na concepção aristotélica, está relacionado à imagem no discurso e corresponderia ao ato de persuadir do orador. O locutor pressupõe uma imagem de si, em seu discurso, para persuadir o alocutário e esta imagem está vinculada apenas na enunciação do sujeito. Como explica a autora Amossy (2011, p.9):

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (AMOSSY, 2011, p.9).

Dessa forma, o *ethos* está relacionado ao discurso e corresponderia a capacidade do orador persuadir, pressupondo-se que o locutor conceda uma imagem de si em seu discurso para persuadir o alocutário. Diante disso, o sujeito, como locutor da oralidade, traz elementos persuasivos, transmitindo ideias com convencimento ao público durante a sua oratória para convencer o seu alocutário do que ele esteja falando seja verdade.

2 A CONCEPÇÃO DE *ETHOS* NA ANÁLISE DE DISCURSO

Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizada, como linha teórica, a Análise de discurso de viés francesa para o desenvolvimento do artigo, no sentido de produzir ou reproduzir os sentidos que estão presentes nos quadrinhos. De igual modo, a concepção de *ethos* discursivo, do autor Dominique Maingueneau, para a submissão da análise da imagem da personagem Mulher Maravilha, nas HQs da Liga da Justiça.

A Análise de Discurso de linhagem francesa é uma prática linguística especializada em analisar discursos a partir dos enunciados que são gerados pela linguagem. Ao discutir o conceito de discurso parte-se dos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux (principal fundador), para assimilar o funcionamento da língua na produção de sentidos, possibilitando, então, uma análise de palavras, enunciados ou textos. Segundo Orlandi (2007, p. 45), “na Análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico e parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. A partir deste estudo podem-se compreender os sentidos gerados por meio de uma materialidade discursiva, entendendo a língua como sistema relativamente autônomo e a relação da mesma com o sujeito e contexto sócio histórico.

Para AD, o sujeito está ligado ao sentido (história e ideologia) e ao se expressar, pela linguagem, ele traz elementos ideológicos no discurso, dessa maneira, “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é, portanto, o discurso” (BRANDÃO, 2004, p.11). Os discursos são transmitidos por meio dos sentidos que estão atrelados na linguagem do sujeito. Esses discursos podem também ser analisados nos textos ou imagens, para compreender as construções ideológicas que estão interligadas nos enunciados presentes nos elementos linguísticos. Pode-se, nesse sentido, afirmar que a AD vai utilizar da materialidade linguística para identificar os aspectos sociais ideológicos existentes no discurso.

Nessa perspectiva, a Análise de Discurso vai perceber que qualquer aspecto discursivo pode ser objeto de análise discursiva, tanto na fala quanto na escrita, os discursos são constituídos de enunciados e de produção sentidos.

Trazendo essa noção de *ethos* para Análise de Discurso, o teórico Maingueneau (2001) define o termo em dois aspectos fundamentais para o *ethos* discursivo: convencimento e persuasão. Na perspectiva da abordagem do *ethos* discursivo, o discurso está interligado a imagem ao se enunciar qualquer discurso escrito ou oral.

Ao enunciar, o orador constrói uma representação de si sem se descrever explicitamente. Sendo assim, o orador pressupõe uma imagem para exprimir seu *ethos* através da enunciação. Os enunciados são produtos da enunciação que provocam uma imagem a partir do locutor, deste modo, o *ethos* aparece por intermédio do enunciado (MAINGUENEAU, 2001) sustentado por uma voz – a de um sujeito para além do texto.

A retórica vai se concentrar na oralidade dos enunciadores e estabelecer características do orador com a finalidade que o público criasse a imagem por meio de seu *ethos*. Dessa maneira, os retóricos analisavam os aspectos físicos do locutor ao discursar para o público. Todavia, para Análise de Discurso de viés francês, seguindo a linha teórica de Maingueneau, o *ethos* está ligado ao ato de enunciação e esta prática pode ser desenvolvida tanto no texto oral quanto no texto escrito. Para Maingueneau (2001, p.17), “o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso”. Dessa forma, o *ethos* está ligado ao discurso do locutor com a finalidade de dar imagem de si por meio da comunicação.

Nesse sentido, percebe-se que o *ethos* não está ligado apenas a textos orais, como ferramenta essencial para a construção da imagem, mas que os textos escritos, também, podem construir um *ethos*. Segundo Maingueneau (2001): “Todo texto escrito, (...) tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador”. Apesar da materialidade escrita não expressar, diretamente, as características do *ethos* do enunciador, ela apresenta tons e corporalidade que possibilita ao alocutor atribuir uma determinada imagem desse locutor.

Para tanto, o processo interativo da imagem do *ethos* pode se constituir do locutor em relação ao alocutário, mas o público, de igual maneira, constrói a imagem do *ethos* do orador. Nesse sentido, o teórico estabelece um esquema do *ethos* no discurso: *ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo. O *ethos* pré-discursivo seria a imagem que o alocutário constrói do locutor antes mesmo dele enunciar; o *ethos* discursivo seria a imagem representada pelo locutor no discurso. Nesse sentido, esse esquema que Maingueneau aponta uma ligação dessa imagem aos estereótipos, como fatores essenciais para a construção e identificação do *ethos*.

Dito isto, a noção dos estereótipos é um aspecto relevante para o *ethos*, pois, influencia tanto na construção do *ethos* pré-discursivo quanto do *ethos* discursivo. As imagens presentes nos discursos são associadas por meio dos estereótipos que são incorporados no *ethos*, o que equivale a representações culturais, sociais, podendo

atribuir comportamentos, costumes, posturas, gestos e oratórias. Assim, o locutor se firma de estereótipos para representar seu *ethos* na enunciação, a fim de produzir um efeito ao seu alocutário. Como explica Amossy:

o orador faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo (SILVEIRA, 2014, p.20 apud AMOSSY, 2008, p.125).

A palavra *ethos* corresponde à ética na humanidade e é de suma importância salientar que o sujeito e suas interações, na sociedade, contribui para a produção da cultura, religião, política, entre outros aspectos que se integram a esse termo. Assim sendo, os estereótipos consistem em representar os sujeitos por características físicas e psicológicas que, a partir de uma análise *ethos* discursiva, com base dos pressupostos teóricos proposto por Maingueneau (2001) e Amossy (2010), possa atribuir tais características ao *ethos* do locutor.

3 O *ETHOS* FEMININO NAS HQs DA LIGA DA JUSTIÇA

A origem das construções de figuras e outros elementos gráficos surgem através do homem das cavernas, na utilização de imagens para registrar suas ilustrações. Contudo, para ser considerado como gênero textual quadrinho é necessário uma sequência de imagens e textos.

As primeiras HQs surgiram no final do período do século XIX; sua formatação seguia uma sequência aleatória e a coloração eram apenas duas: preto e branco. Sendo assim, as histórias em quadrinhos da LG traz uma narrativa ilustrada com artifícios de comunicação, por meio de desenhos humanizados, para ter uma visibilidade maior na formulação gráfica-visual. Assim sendo, percebe-se uma evolução imagética das imagens que compõe as HQs por meio de técnicas gráficas nas impressões de papel nas revistas.

Ainda a esse respeito, os desenhos das HQs revelam muito mais do que está explícito nas imagens, as características que são atribuídas às personagens femininas demonstram e interagem com o meio social, em torno dos gráficos e a pintura como forma de expressão artística. Para tanto, as HQs acabam se tornando objetos ideológicos a partir de suas construções estéticas e sociais. A associação da mulher aos quadrinhos surge no século XX com as primeiras representações em formato de

tirinhas na coloração preto e branco. Com o passar dos anos, as HQs apresentam mulheres de diversas corporalidades para atender as artes visuais nos desenhos em sequência.

A origem da personagem Mulher Maravilha é datada na década de 1940, pela editora *All Star Comics*. Analisando as imagens ilustradas, percebe-se que a mesma possui características diferentes nas revistas em quadrinhos da década de 2010, as quais se torna perceptível uma *wonder woman* mais empoderada ou sexualizada, condizente ao ano da publicação do material.

Nas histórias em quadrinhos da Liga da Justiça a corporalidade da Mulher Maravilha é apresentada em diferentes aspectos visuais. A personagem, analisada em três épocas distintas, apresenta características a partir da ligação do seu corpo com as ações heroicas, nos respectivos desenhos. As imagens escolhidas para análise são manifestações criativas produzidas por meio de técnicas artísticas projetadas para seguir uma sequência em tirinhas. Sua caracterização é feita por pinturas e esculturas idealizada por meio do tom, do caráter e da corporalidade para compor os gráficos nas histórias em quadrinhos.



Figura 1: Desenho da Mulher Maravilha – 2010

Fonte: Imagem extraída da revista Liga da Justiça da América, nº 01. – Terra II.



Figura 2: Desenho da Mulher Maravilha - 2012

Fonte: Imagem extraída da revista Liga da Justiça da América, nº 23 – O fim está próximo.



Figura 3: Desenho da Mulher Maravilha – 2016

Fonte: Imagem extraída da revista Liga da Justiça da América, nº 07 – Estado de Medo.

A apresentação do corpo feminino é demonstrada, nos desenhos acima, com estereótipos diferentes nos quadrinhos figurativos por meio de recursos gráficos. A construção do ethos discursivo é representada por desenhos que compõem estruturas corporais de um símbolo feminino, o que, conseqüentemente, é associado ao mercado de quadrinhos. As imagens estáticas das “Mulheres Maravilhas”, que são representadas nas HQs (2010, 2012 e 2016), estabelecem, na mente do leitor, o estado de persuasão por meio das ações heróicas que, também, está associada aos trajes. Nota-se que, em ambos os desenhos 1,2 e 3, a Mulher Maravilha está composta por um elmo, cabelos lisos ou ondulados, botas e armadura, símbolos que constituem seus principais aspectos físicos, dessa forma, possibilita, ao leitor, a constituição do *ethos* pré-discursivo feminino da super-heroína, nos quadrinhos da Liga da Justiça.

No desenho 1, a Mulher Maravilha, de 2010, apresenta uma formatação gráfica com baixa resolução, contudo, atende aos padrões femininos estéticos dos quadrinhos – com um maiô delineando as curvas do seu corpo, botas de cano longo deixando suas pernas mais exibidas e o cinto, da verdade, afinando sua cintura. Dessa forma, ela vai persuadir o auditório devido a uma grande visibilidade do corpo, causando uma impressão de força aos interlocutores; estabelece-se na mente do leitor que o poder da Mulher Maravilha, também, está atribuído ao estilo de roupa que a caracteriza. Dito isto, o desenho apresenta um *ethos* feminino constituído por meio de uma estereotipagem associado à dimensão gráfica para ilustrar a heroína.

No desenho 2, a Mulher Maravilha, de 2012, apresenta características relativamente diferentes dos desenhos 1 e 3. Por mais que seu corpo esteja, aparentemente, caracterizado pelo mesmo biotipo da primeira imagem, seu estilo de roupa não dá tanta visibilidade a sua corporalidade quanto às demais imagens, tornando-a, assim, com uma visibilidade inferior. O acréscimo de equipamentos possibilita a construção do *ethos* feminino de uma guerreira ou batalhadora, o que demonstra uma postura mais firme e forte, ilustrando o seu posicionamento como heroína. Para tanto, a configuração da imagem apresenta uma similaridade com a imagem 3, devido aos efeitos gráficos no formato do quadrinho. A presença do

sombreamento, no desenho, da personagem em questão, é visível em ambos os quadrinhos (figuras 2 e 3) para delinear sua corporalidade.

No desenho 3 os recursos gráficos, utilizados para ilustrar a imagem da Mulher Maravilha de 2016, são similares ao desenho 2 pelas expressões físicas, o brilho nas cores, o sombreamento e a qualidade da imagem; percebe-se que a estrutura imagética tem a mesma resolução em ambos quadrinhos. A imagem em si, da heroína, possui trajes mais longos e a mesma possui mais acessórios que as demais imagens representadas. Se no desenho 2 o seu corpo não está com tanta visibilidade, no desenho 3 a heroína apresenta uma armadura que cobre a maior parte de seu corpo. Assim, o desenho da *wonder woman* apresenta um *ethos* com características fiéis de uma super heroína, de uma mulher que possui igualdade de forças e menos sexualizada para persuadir os leitores.

Por fim, nota-se que essas imagens têm a intenção de chamar atenção dos olhares, majoritariamente, masculinos, visto que há um padrão de beleza feminina em diferentes imagens, analisadas no presente artigo, para o consumo de HQs. Os recursos gráficos, nesse sentido, possibilitam essa visibilidade sexualizada no corpo da Mulher Maravilha em torno de uma lógica de corporalidade feminina e trajes para compor a ficção nas narrativas ilustradas.

4 Conclusão

O desenho, no campo da análise do *ethos* discursivo feminino, apresenta estereótipos distintos, retratados nas imagens da Mulher Maravilha nas HQs da Liga da Justiça. Analisar o desenho gráfico da Mulher Maravilha, do ano de 2010 a 2016, possibilita identificar a construção do *ethos* da personagem de figura heróica a partir dos elementos imagéticos nos desenhos das revistas em quadrinhos. Dessa forma, o desenho da *wonder woman* é representada por uma imagem que mostra sua corporalidade em diferentes formas, para atender ao público que consome HQs, portanto, a Mulher Maravilha apresenta aspectos físicos diferentes para persuadir o leitor por meio de recursos gráficos.

O corpo da Mulher Maravilha é idealizado a partir dos padrões de beleza exigidos do seu corpo, para persuadir os olhares dos leitores de HQs. Assim sendo, há várias alterações nos desenhos em torno da sua corporalidade, entre os anos de 2010 a 2016, de roupas curvadas à armadura que cobre a maior parte de seu corpo. Os estereótipos que são atribuídos ao sexo feminino são formulados conforme o contexto

sócio-histórico e, dessa forma, é importante salientar que as interações sociais proporcionam a criação do desenho da figura heroica feminina nos quadrinhos.

Tendo em vista os aspectos analisados, conclui-se que a figura 1 da Mulher Maravilha é a que mais vai persuadir os leitores entre as demais apresentadas, devido à exposição da sua corporalidade, os trajés estarem sexualmente sensuais e por está atendendo a mercadologização do corpo feminino nas HQs. À medida que seu corpo está mais sexualizado, ela possui uma visibilidade maior, dessa forma, a *wonder woman* vai estabelecer uma imagem persuasiva por meio dos aspectos físicos, o que, conseqüentemente, está ligado ao seu poder.

Portanto, a construção dos desenhos da Mulher Maravilha, a partir dos *ethos* femininos nas HQs da Liga da Justiça, ocorre por meio da ligação da corporalidade feminina e a construção ideológica de mulher, produção de sentidos e a estereotipagem atribuída ao seu corpo, com vistas a se constituir em torno dos desenhos nas narrativas ilustradas.

5 Referências

- AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BRANDÃO, H. *Introdução à Análise de Discurso*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- LIGA DA JUSTIÇA DA AMÉRICA: estado de medo. São Paulo: DC Comics, n. 07, dez. 2016.
- LIGA DA JUSTIÇA – TERRA II. São Paulo: DC Comics, n. 01, mai. 2012.
- LIGA DA JUSTIÇA DA AMÉRICA: geração perdida. São Paulo: DC Comics, n.23, dez. 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINI, M; SOUZA, F. *Mulher do século XXI: Conquistas e Desafios do Lar ao Lar*. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Mary-Terezinha-Martini.pdf>>. Acesso em: 21 jul 2017.
- MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução de Marly N. Pires. São Paulo: Ática, 2007.
- MOTTA, A; SALGADO, L. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** Campinas: Pontes, 2007.

PLEBE, A; EMANUELE, P. **Manual de retórica.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SILVEIRA, Hermínia. **Identidade, prática discursiva e construção do ethos do professor de Língua Portuguesa.** Cadernos CESPUC, Belo Horizonte, n. 25, p. 16 – 26, 2014. Disponível em: < file:///C:/Users/Mauricio/Downloads/11085-39817-1-SM.pdf >. Acesso em 26 out 2017.

VASCONCELOS, Suani. **Discurso político à luz da nova retórica: Chico Pinto e a ditadura militar.** 2005. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador – Ba.